TERCEIRA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES PARA UM CRISTIANISMO COERENTE E ATIVO

Apresentação

Esta terceira seção é constituída por uma seleção de textos dirigidos ao povo, a católicos comprometidos, a Cooperadores Salesianos leigos e eclesiásticos. Dom Bosco insiste quanto ao espírito que deve animar o bom cristão, imerso no mundo, ativo na caridade, coerente com sua fé.

O catolicismo dos anos oitocentos, em cada classe social, é marcado por um acentuado fervor espiritual e operativo, unido a um sentido muito vivo da própria vocação na Igreja e na sociedade, que impele ao testemunho evangélico, à militância e às obras de caridade. Nesse terreno fértil germinam animadas iniciativas pastorais, educativas e sociais; surgem associações laicais, novas formas de vida consagrada masculina e feminina; proliferam os empreendimentos missionários e apostólicos. Forte sentido de coesão eclesial e de corresponsabilidade animava esses católicos generosos, inspirados por um clero zeloso e bem formado, consagrado à própria missão, empreendedor e criativo.

As obras de Dom Bosco se beneficiaram amplamente desse clima. Eclesiásticos e leigos generosos, polarizados pela caridade do Santo, desde os primeiros momentos do Oratório ofereceram generosamente sua contribuição, sem jamais abandoná-lo, a ponto de se tornarem parte integrante e estratégica da sua Família. A consciência da própria vocação cristã os tornava desejosos de uma vida interior mais ardente, com vistas a uma cooperação não ocasional à missão salesiana.

Dom Bosco nunca cessou de alimentar esse anseio de caridade em função educativa e apostólica, não somente mediante a animação e a organização da cooperação, mas também por meio do cultivo espiritual. Os textos aqui apresentados nos mostram seu empenho na promoção de uma visão integral, devota e ativa da vida cristã: ao amor misericordioso e terno de Deus, à sua caridade sem limites, responde-se com uma fé viva e uma caridade ardente, com a imitação operosa de Jesus Cristo. Sustentados pela graça dos sacramentos, unidos a Deus na oração “por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos”¹, desapegados dos

¹ Giovanni BOSCO, *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, p. 1 (OE XIX, 9).

enganos do mundo e voltados para a santidade no exercício das virtudes, confiantes na Providência, os cristãos são obrigados a uma vida interior mais consciente e cultivada, ao testemunho evangélico ao longo do dia, a “exercer a sua caridade trabalhando pela salvação das almas”, a se ajudarem “reciprocamente em fazer o bem e a manter longe o mal”².

Esta visão emerge também da sua correspondência, dos conselhos oferecidos aos amigos, leigos e sacerdotes. Segundo Dom Bosco, o católico é chamado a ser fermento da sociedade no tecido da vida quotidiana: testemunha a própria fé, exerce as obras de caridade, doa-se com generosidade e sem medos, promove a piedade, desdobra-se em favor da educação cristã da juventude, difunde a boa imprensa, cuida das vocações, apoia a ação missionária.

Esta seção é composta por três partes.

Na primeira (Os recursos espirituais do cristão) são recolhidos, a título de amostra, seis textos de Dom Bosco destinados à formação espiritual do laicato católico (nn. 266-271), simples exemplos de um vasto empenho formativo e instrutivo do povo, que encontra em algumas publicações do Santo os melhores exemplos: a Chave do paraíso (1856), o Mês de maio (1858), o Católico Instruído (1868).

Na segunda parte são transcritas duas conferências de Dom Bosco (nn. 272 e 273) que iluminam a vocação dos Cooperadores Salesianos e a função determinante confiada a eles para o desenvolvimento da Obra Salesiana.

A terceira parte contém doze exemplos de cartas (nn. 274-285) a amigos, benfeitores e Cooperadores, com orientações e conselhos de vida espiritual.

² Giovanni BOSCO, *Cooperatori salesiani, ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*. Sanpierrez, Tipografia e Libreria di S. Vincenzo de' Paoli 1877, pp. 4 e 27 (OE XXVIII, 342 e 365).

I. OS RECURSOS ESPIRITUAIS DO CRISTÃO

Na Igreja há todos os meios de salvação, nela floresce a santidade e a caridade. Dom Bosco convida incessantemente adultos e jovens a cooperar com a ação da graça com fé, esperança e caridade, com a entrega generosa de si mesmos, com a oração constante, a frequência dos santos sacramentos; particularmente tornando-se imitadores de Jesus Cristo mediante uma vida virtuosa e rica de obras de caridade.

266. Fé, esperança e caridade

Edição impressa em [Giovanni BOSCO], *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, pp. 87-91 (OE XIX, 95-99)³.

O apóstolo São Paulo diz que sem fé é impossível agradar a Deus, *sine fide impossibile est placere Deo* [Hr 11,6]. Nós, portanto, temos que manter sempre acesa no nosso coração esta chama da fé. É preciso que a fé ilumine todos os passos da nossa vida. A fé deve ser o alimento que nos sustenta na vida espiritual, segundo o que diz a Sagrada Escritura: *iustus ex fide vivit*, o homem justo vive de fé. A fim de que esta chama da fé que recebemos de Deus no santo batismo não se apague nunca no nosso coração, devemos alimentá-la. Por isso devemos fazer com frequência atos de fé; afirmar com o nosso coração que cremos firmemente nas principais verdades da religião católica e em tudo o que Deus nos ensina por meio da sua Igreja, coisa que nós fazemos ao recitar a fórmula do ato de fé.

Mas, caro cristão, a fé não basta para a salvação eterna, pois é também necessária a virtude da esperança, que faz com que nos abandonemos nas mãos de Deus, como um filho nos braços da sua terna mãe. Nós precisamos obter de Deus muitos favores e Deus não costuma concedê-los se não os esperarmos. Nós cometemos quem sabe quantos pecados; por isso precisamos que Deus use de misericórdia e nos perdoe. Temos continuamente necessidade da ajuda da graça de Deus para viver santamente sobre a terra. Ora, esta misericórdia, este perdão, esta ajuda da sua graça, Deus só concede a quem espera. Além disso, tem preparado na outra vida um mar de delícias; mas ninguém poderá

³ Este pequeno volume foi compilado por Dom Bosco com a colaboração do padre João Bonetti.

chegar lá para se inebriar nelas sem a virtude da esperança. Razão pela qual nós devemos fazer frequentes atos desta virtude; alimentando no nosso coração uma grande confiança de obter tudo da suma bondade de Deus pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para despertar e manter sempre viva em nós esta virtude, recitemos, portanto, com devoção a fórmula do ato de esperança.

Mas, entre todas as virtudes, a caridade é a maior delas e a mais excelente. Sem ela, todas as outras não poderiam obter-nos a salvação eterna. Mas em que consiste esta virtude da caridade? Consiste em amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por seu amor. Por conseguinte, o amor para com Deus e para com o próximo deve ser sempre como um fogo aceso no nosso coração. Em primeiro lugar, devemos amar a Deus com todo o coração porque ele é um espírito perfeitíssimo, um ser de infinita bondade, o sumo bem. Também devemos amá-lo porque ele nos cobriu de inumeráveis benefícios; nos tirou do nada ao criar-nos; fez-nos nascer na religião católica que é a única que pode conduzir-nos ao porto da salvação. Ele, embora tenha sido ofendido tantas vezes por nós, não nos fez morrer, como poderia ter feito e como fez com muitos outros aos quais, depois do primeiro pecado, não concedeu mais tempo para se arrependem. Ele, por amor a nós, desceu do céu à terra entre dificuldades e sofrimentos; por nós sofreu a morte mais dura. Ele, por um excesso de amor, se fez nosso alimento na Santa Eucaristia. Ele, finalmente, tem preparado para nós um belo lugar no paraíso por toda a eternidade. E quem é que, considerando todos esses gestos de amor de Deus para conosco, não sente arder seu coração para com Deus?

Nós, porém, devemos também amar o próximo como a nós mesmos. Todos os homens do mundo são nossos irmãos, porque são filhos de um mesmo Pai que é Deus. Todos têm direito a ser amados por nós. Jesus Cristo fez disto um mandamento explícito, dizendo: *hoc est praeceptum meum ut diligatis invicem* [Jo 15,12]: isto eu vos mando, que vos ameis uns aos outros. E não só devemos amar os amigos, mas também os inimigos. O nosso Divino Salvador nos deu o exemplo ao perdoar e rezar pelos seus próprios crucificados. Portanto, que esteja sempre aceso em nós este fogo da caridade. Para isto, façamos frequentes atos desta virtude recitando a fórmula do ato de caridade.

267. Jesus Cristo, modelo de todo cristão

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *La chiave del paradiso in mano al cattolico che pratica i doveri di buon cristiano*. Turim, Tip. Paravia e Comp. 1856, pp. 20-23 (OE VIII, 20-23).

Disse um dia Deus a Moisés: “Lembra-te bem de executar minhas ordens e fazê tudo de acordo com o modelo que te foi mostrado na montanha”. Deus diz o mesmo aos cristãos. O modelo que todo cristão deve copiar é Jesus Cristo. Ninguém pode vangloriar-se de pertencer a Jesus Cristo se não se esforçar por imitá-lo. Por isso, na vida e nas ações de um cristão deve-se poder ver sempre a vida e as ações do próprio Jesus Cristo.

O cristão deve rezar, como Jesus rezou sobre a montanha, com recolhimento, humildade e confiança.

O cristão deve ser acessível, como era Jesus Cristo, para os pobres, os ignorantes, as crianças. Não deve ser orgulhoso, pretensioso, arrogante; o cristão faz tudo para todos a fim de ganhar alguns para Jesus Cristo.

O cristão deve tratar o próximo como Jesus Cristo tratava seus seguidores: por isso, seu relacionamento deve ser edificante, amoroso, cheio de seriedade, doçura e simplicidade.

O cristão deve ser humilde, como foi Jesus Cristo, que, ajoelhado, lavou os pés de seus discípulos, lavou também os de Judas, embora soubesse que aquele perjuro haveria de traí-lo. O verdadeiro cristão se considera como o menor de todos e como servo de todos.

O cristão deve obedecer como Jesus Cristo obedeceu, o qual foi submisso a Maria e a São José, e obedeceu a seu Pai celeste até a morte e morte na cruz. O verdadeiro cristão obedece a seus pais, a seus patrões, aos seus superiores, porque ele reconhece neles o próprio Deus, de quem eles fazem as vezes.

O verdadeiro cristão, ao comer e beber, deve ser como era Jesus Cristo nas bodas de Caná da Galileia e em Betânia, isto é, sóbrio, temperante, atento às necessidades dos outros e mais preocupado com o alimento espiritual do que com alimento que nutre o corpo.

O bom cristão deve ser para seus amigos como era Jesus Cristo com São João e São Lázaro. Deve amá-los no Senhor e por amor de Deus; confiar-lhes cordialmente os segredos do seu coração; e se eles caírem no mal, usar de toda a sua solícitude para fazê-los retornar ao estado de graça.

O verdadeiro cristão deve sofrer com resignação as privações e a pobreza, como as sofreu Jesus Cristo, que não tinha nem mesmo lugar onde apoiar a

sua cabeça. Ele sabe tolerar as contradições e as calúnias, como Jesus Cristo tolerou as dos escribas e dos fariseus, deixando a Deus o cuidado de justificá-lo. Ele sabe tolerar as afrontas e os ultrajes, como fez Jesus Cristo quando foi esbofeteado e lhe cuspiram no rosto e o insultaram de mil maneiras no pretório.

O verdadeiro cristão deve estar pronto a tolerar os sofrimentos do espírito, como Jesus Cristo quando foi traído por um dos seus discípulos, renegado por outro e abandonado por todos.

O bom cristão deve estar disposto a acolher com paciência qualquer perseguição, doença e também a morte, como fez Jesus Cristo, que com a cabeça coroada de espinhos, com o corpo dilacerado pelos flagelos, com os pés e as mãos transpassadas por pregos, entregou em paz a alma nas mãos do Pai celeste.

De modo que o verdadeiro cristão deve dizer como o apóstolo são Paulo: “Não sou eu que vivo, mas é Jesus Cristo que vive em mim”. Quem seguir Jesus Cristo segundo o modelo aqui descrito, está seguro de um dia ser glorificado com Jesus Cristo no céu e com ele reinar por toda a eternidade.

268. A oração

Edição impressa em [G. BOSCO], *Il cattolico provveduto...*,
pp. 1-3, 7-13 (OE XIX, 9-11. 15-21).

Rezar quer dizer elevar o próprio coração a Deus e entreter-se com ele por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos. Por isso, todo pensamento dirigido a Deus e todo olhar voltado a ele é oração, desde que tudo seja acompanhado por um sentimento de piedade. Quem, portanto, pensa em Deus ou nas suas infinitas perfeições, e com este pensamento prova um afeto cheio de alegria, de veneração, de amor, de admiração, este reza. Quem considera os grandes benefícios do Criador, Conservador e Pai, e se sente repleto de reconhecimento, este reza. Quem, nos perigos da sua inocência e da virtude, consciente da própria fraqueza, suplica ao Senhor que o ajude, este reza. Quem, finalmente, na contrição do coração, se volta para Deus e lembra que ultrajou o próprio Pai, ofendeu o próprio juiz e perdeu o sumo bem, e implora perdão e propõe emendar-se, este reza.

Por isso, rezar é muito fácil. Qualquer um, em todos os lugares e em cada momento, pode levantar seu coração para Deus por meio de piedosos sentimentos. Não são necessárias palavras rebuscadas e estranhas, bastam

simples pensamentos acompanhados de afetos internos devotos. Uma oração que consista só em pensamentos, por exemplo, numa tranquila admiração da grandeza e da onipotência divinas, é uma oração interior ou meditação ou contemplação. Se ela se exterioriza por meio de palavras, diz-se oração *vocal*.

Tanto um modo como outro de rezar deve ser muito estimado pelo cristão que ama a Deus. Um bom filho pensa de boa mente no próprio pai e desafoga com ele o próprio coração. Sendo assim, como poderia um cristão não pensar de boa mente em Deus, seu Pai amorosíssimo, e em Jesus, seu misericordioso Redentor, e externar-lhe sentimentos de reverência, reconhecimento, amor e com suave confiança pedir-lhe ajuda e graça? [...]

A fim de que a oração do cristão seja plenamente aceita por Deus e obtenha infalivelmente seu efeito, deve ter algumas condições:

1. Quem reza deve encontrar-se no estado de graça santificante, isto é, não ter na consciência nenhum pecado mortal que não tenha sido cancelado pela confissão sacramental ou pelo arrependimento. Porque, como diz a Escritura, o Senhor fica longe do ímpio e só ouve a oração dos justos (Pr 15, 29). Apesar disso, quem está em pecado moral, se pelo menos tiver algum desejo de se corrigir e reza com a intenção de honrar a Deus, embora não tenha direito de ser ouvido porque não está em amizade com Deus, todavia, a sua oração é sumamente útil e pela infinita bondade divina nunca deixa de obter graças.

2. Deve rezar inspirado por viva fé, porque *sem a fé é impossível agradar a Deus* (Hb 11, 6) e onde falta a fé ou não se reza de coração, não se presta à bondade, sabedoria e onipotência de Deus a honra que ele exige de nós.

3. Deve rezar com humildade e, por um lado, sentir a necessidade da graça, por outro, a total ausência em si mesmo de qualquer mérito ou título apto a obter o que se pede. Pois *Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes* (Tg 4, 6).

4. Além disso, o cristão, na oração, deve observar uma ordem quanto ao que pede. *Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo* (Mt 6, 33), diz Jesus Cristo. Por isso, devemos, em primeiro lugar, buscar os bens espirituais, como o perdão dos pecados, as luzes para conhecer a vontade divina e os nossos erros, a força, o aumento e a perseverança na virtude. Depois disso podemos também pedir os bens temporais, a saúde, os meios para vencer na vida, a bênção celeste para nossas ocupações, os nossos negócios, as nossas terras e as nossas famílias, o afastamento das desgraças, das dores e das aflições em que nos encontramos. Assim nos ensina o quarto pedido do *Pai-nosso* e o exemplo de Jesus Cristo no horto das oliveiras. Mas

esse pedido deve ser feito com a condição de que se cumpra a vontade de Deus, não prejudicial à nossa alma. *Pai, não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26, 39).

5. É preciso rezar em nome de Jesus Cristo, pois nenhuma graça pode ser obtida de Deus a não ser pelos méritos do nosso Divino Redentor.

6. É preciso rezar com confiança ilimitada de sermos atendidos. Quem reza duvidando acaba fazendo uma injúria a Deus, que nos garante ouvir-nos contanto que rezemos com fé viva, com firme esperança de sermos ouvidos por ele e atendidos. Por isso, quando lhe pedimos um favor, entreguemo-nos a ele como um filho se abandonaria nas mãos de sua querida mãe, certo de ser ajudado. A oração feita dessa maneira é onipotente; nunca se ouviu dizer no mundo, nem nunca se ouvirá, que alguém que tenha recorrido a Deus com confiança não tenha sido atendido. O nosso divino Redentor nos assegura: tudo o que pedirdes na oração, tende fé que o conseguireis. O apóstolo São Tiago adverte o cristão para rezar sem hesitação e sem duvidar, se quiser obter o que pede.

7. Unir a nossa oração às orações e aos méritos de Maria Santíssima, dos anjos e dos santos que estão no paraíso, das almas do purgatório e de todos os justos que vivem sobre a terra.

8. Finalmente, é preciso perseverar na oração segundo o que nos recomenda Jesus Cristo. Ele diz: *É preciso rezar sempre, sem cessar*. E se se pergunta até quando devemos perseverar na oração, responde: até o fim da vida.

Muitos cristãos pensam que suas orações são inúteis porque não produzem logo o efeito ou porque não obtêm as graças determinadas que eles pediram. Mas é preciso saber que Deus ouve as nossas orações da maneira e no tempo em que ele vê ser mais oportuno e conveniente para a santificação das nossas almas e para o progresso do seu reino, sem deixar-nos sempre conhecer esse modo e esse tempo. Quando estivermos no outro mundo, veremos claramente que nem mesmo uma só palavra das nossas orações ficou sem efeito. Além do mais, sempre que as nossas orações não produzirem fruto, a culpa é nossa por não termos rezado com as devidas disposições.

Para concluir esta breve instrução deve-se observar que não se pode rezar bem sem preparação. *Antes da oração prepara a tua alma e não sejas como um homem que tenta a Deus* (Eclo 18, 23). Reflete na honra que existe em apresentar-te ao Senhor, rei do céu e da terra; reflete também no que pretendes pedir a Deus; escolhe uma fórmula de oração que seja adaptada às tuas circunstâncias e às tuas necessidades; põe-te na presença de Deus e faz com que as palavras que pronuncias de memória ou lês num livro provenham do coração. Deste modo tu rezarás *em espírito e verdade*.

Embora tu possas rezar em qualquer posição, todavia, convém que escolhas a mais apta para demonstrar também exteriormente tua fé interior e tua devoção. Assim é que vemos o divino Salvador, o apóstolo Paulo, o publicano, Maria Madalena, Moisés, Salomão, Daniel, Miqueias rezarem de mãos juntas, de joelhos, com o olhar voltado para o céu em sinal de fé ou voltado para a terra por sentimento de humildade. É claro que rezando na igreja devemos manter de modo particular um comportamento respeitoso e devoto, seja por respeito ao Santíssimo Sacramento do altar, no qual está presente Jesus Cristo, seja para não dar mau exemplo aos outros, aos quais, pelo contrário, devemos ser de edificação com a nossa postura exterior.

269. Os santos sacramentos

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo*. Turim, Tip. Paravia e Compagnia 1858, pp. 55-60 (OE X, 349-354).

1. Quanto mais consideramos a nossa santa religião, tanto mais compreendemos sua beleza, sua grandeza, e mais evidente se torna a bondade, a sabedoria e a misericórdia de Deus, que é seu fundador. Esta realidade aparece de forma luminosa nos santos sacramentos. É verdade de fé que os sacramentos são sete, nem mais, nem menos; foram todos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto estava no mundo. Estes sacramentos são: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema Unção, Ordem e Matrimônio. Os sacramentos são sinais sensíveis estabelecidos por Deus para dar às nossas almas as graças que são necessárias para nos salvarmos, o que equivale a dizer que os sete sacramentos são como sete canais pelos quais os favores celestes são comunicados por Deus à humanidade.

2. Por meio do batismo nós somos acolhidos no seio da santa madre Igreja, deixamos de ser escravos do demônio, somos feitos filhos de Deus e por isso herdeiros do paraíso. Na crisma ou confirmação recebemos a plenitude dos dons do Espírito Santo e nos tornamos perfeitos cristãos. Na Eucaristia Jesus Cristo nos dá o seu corpo, o seu sangue, a sua alma e a sua divindade sob as espécies de pão e vinho consagrados. Este é o maior prodígio do poder divino. Com um ato de imenso amor para conosco, Deus encontrou a maneira de dar às almas um alimento adequado e espiritual, isto é, dando-nos sua própria divindade. No sacramento da penitência nos são perdoados os pecados cometidos depois do batismo. Na extrema unção ou santos óleos Deus vem

em socorro dos enfermos e por meio da sagrada unção nos comunica as graças necessárias para cancelar na alma os nossos pecados e as marcas que eles deixam nela, para dar-nos forças a fim de suportar pacientemente o mal e fazer uma boa morte, caso Deus tenha decretado chamar-nos à eternidade, e também para dar a saúde corporal, se for útil para a salvação da alma. No sacramento da ordem Deus comunica aos sagrados ministros as graças necessárias para adquirir o alto grau de santidade que lhes é necessário; e também para poderem guiar e instruir os fiéis cristãos nas verdades da fé, na fuga do vício e na prática da virtude. Finalmente, o matrimônio é o sacramento que dá a graça aos casados para viverem em paz e caridade e educar cristãmente os próprios filhos, caso Deus na sua infinita sabedoria julgue oportuno conceder-lhes.

3. Eis, ó cristão, brevemente expostos os grandes meios que Jesus Cristo instituiu para a nossa salvação. Ele nos proporcionou grandes benefícios mediante a sua encarnação, mas todos esses benefícios são comunicados a nós por meio dos seus santos sacramentos. Todavia, se tu não te preocupas em aproveitar destes meios de salvação segundo o estado de vida em que te encontras, não poderás participar do grande mistério da redenção e nem poderás salvar a tua alma. Detém-te um momento e reflete como tens correspondido a estes grandes sinais do amor divino; e se perceberes que a tua consciência sente remorsos por algum pecado, procura o remédio o mais cedo possível, preparando-te para fazer uma boa confissão e uma boa comunhão.

Exemplo – Nas vidas dos santos padres lemos um fato que demonstra o quanto seja útil a piedade para nossos interesses espirituais e temporais. Na cidade de Alexandria do Egito viviam dois sapateiros: um tinha família numerosa, mas enquanto se ocupava em mantê-la era muito solícito também quanto aos assuntos da alma, seguindo o conselho de Cristo que disse: procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o mais, Deus providenciará. Ia muito à igreja, ouvia de boa mente a palavra de Deus, frequentava a santa confissão e a comunhão e os demais exercícios de piedade cristã; inclusive parecia que Deus multiplicava seus bens temporais. O outro fazia o contrário, isto é, era solícito em ganhar bens temporais, descuidando a frequência à igreja e não pensava na sua alma. Aconteceu que também seus negócios iam de mal a pior, e embora estivesse sozinho, sem família, e trabalhasse mais do que o colega, custava a ganhar o necessário para comer. Um dia não pôde deixar de dizer-lhe estas palavras: como é esse negócio? Eu me canso mais do que tu no trabalho e não ganho o suficiente para comer; e tu, trabalhando menos, providencias tudo para ti e para toda a tua família? Diante dessa pergunta, querendo enganar santamente o colega e fazer com que frequentasse a igreja, o primeiro respondeu assim: sabe, irmão, eu vou para certo lugar onde encontro dinheiro que me enriquece; se quiseres vir comigo, todos os dias te chamarei

e o que encontrarmos será dividido pela metade: meio meu, meio teu. Claro que vou, respondeu o outro; e começou a ir junto dele, e este, todos os dias o levava para a igreja. Como aprouve a Deus, em pouco tempo tornou-se rico e vivia confortavelmente. Então disse ao colega: ora, veja, meu irmão, quanto te foi útil frequentar a igreja. Deves saber que aqui se encontra a graça de Deus, que é o melhor tesouro do mundo; e como tu mesmo viste, para quem é solícito por Deus, Deus é solícito para com ele. Faze como começaste a fazer, frequenta a igreja e Deus não te faltará.

Cristãos, muitos querem enriquecer por meio do pecado, enquanto vivem como inimigos de Deus, não frequentam a igreja, não rezam, não se aproximam dos sacramentos, não santificam os dias festivos, e pretenderiam que Deus os enriquecesse e tornasse felizes. Estultos! Não sabem que o pecado é o que torna miseráveis os povos? *Miseros facit populos peccatum* (Pr 14).

Jaculatória: Senhor Jesus, que nos redimiste, guie-nos para o céu. E tu, grande Virgem, mãe de amor, acende no meu coração o ardor da fé*.

270. A confissão

Edição impressa em G. BOSCO, *Il mese di maggio...*, pp. 124-129 (OE X, 418-422).

1. Um gesto grande da misericórdia de Deus para com os pecadores consiste no sacramento da confissão. Se Deus tivesse dito de perdoar-nos os nossos pecados somente mediante o batismo e não aqueles que, por desgraça, são cometidos depois de ter recebido esse sacramento, quantos cristãos certamente se encaminhariam para perdição! Deus, porém, conhecendo nossa grande miséria, estabeleceu outro sacramento por meio do qual são perdoados os pecados cometidos depois do batismo: é o sacramento da confissão. Eis o que diz o Evangelho: Oito dias depois da sua ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos e lhes disse: A paz esteja convoco. Como o Pai celeste me enviou, eu vos envio a vós, isto é, o poder que me foi dado pelo Pai celeste para fazer o que se julga oportuno para a salvação das almas, esse mesmo poder eu o dou a vós. Depois o Salvador, soprando sobre eles, disse: Recebi o Espírito Santo, aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes, não serão perdoados. Todos compreendem que as palavras reter ou não reter querem dizer, dar ou não dar a absolvição. Este é o grande poder dado por Deus aos seus apóstolos e aos seus sucessores

* Em italiano, a oração é ritmada: “*Gesú Signore, che ci hai rendenti / al ciel mi guidino i sacramenti. / E tu, gran Vergine, madre d’amore / nel cuore accendimi di fe l’ardore*”.

na administração dos santos sacramentos. Dessas palavras do Salvador nasce uma obrigação para os sagrados ministros, isto é, o de ouvir as confissões; daí nasce igualmente a obrigação para o cristão de confessar as suas culpas para que se conheça quando se deve dar ou não a absolvição, que conselhos sugerir para reparar o mal cometido; enfim, dar todos os conselhos paternais que o confessor julgar necessários para reparar os males da vida passada e não cometê-los novamente no futuro.

2. A confissão não foi praticada só por algum tempo e em algum lugar. Logo que os apóstolos começaram a pregar o Evangelho, também começou a ser posto em prática o sacramento da penitência. Lemos que quando São Paulo pregava em Efeso, muitos fiéis que já tinham abraçado a fé vinham aos pés dos apóstolos e confessavam os seus pecados. *Confitentes et annunciantes actus suos* [At 19,18]. Do tempo dos apóstolos até nós foi sempre observada a prática deste grande sacramento. A Igreja Católica condenou em todo tempo como heréticos os que tinham a ousadia de negar esta verdade. Nem houve alguém que tenha podido ser dispensado disto: ricos e pobres, servos e patrões, reis, monarcas, imperadores, sacerdotes, bispos, os próprios sumos pontífices, todos devem dobrar os joelhos aos pés de um ministro sagrado para obter o perdão das culpas que por acaso tiverem cometido depois do batismo. Infelizmente, quantos cristãos aproveitam raramente ou mal deste sacramento! Há quem o receba sem fazer o exame de consciência, outros se confessam com indiferença, sem dor ou sem propósito, outros calam coisas importantes ou não cumprem as obrigações impostas pelo confessor. Esses tais se servem da mais santa e mais útil das coisas para ruína deles mesmos. Santa Teresa, a esse respeito, teve uma tremenda visão: ela viu que as almas caíam no inferno como a neve de inverno no topo das montanhas. Perguntou então a Jesus Cristo a explicação desse fato e teve como resposta que se tratava dos que se perdiam por confissões mal feitas em sua vida.

3. Coragem, ó cristãos, aproveitemos deste sacramento de misericórdia, mas aproveitemos dele com as devidas disposições. Que ele seja precedido por diligente exame das nossas culpas, confessemos todas, as certas como certas, as duvidosas como duvidosas, da maneira como conhecemos, mas com uma grande dor por tê-las cometido, e prometamos não cometê-las mais. Sobretudo, mostremos o fruto das nossas confissões com o aperfeiçoamento da nossa vida. Deus diz no Evangelho que pelo fruto se conhece a bondade da árvore; assim também, pelo aperfeiçoamento da nossa vida aparecerá a bondade ou nulidade das nossas confissões: *ex fructibus eorum cognoscetis eos* [Mt 7,20].

Exemplo – Um jovem da cidade de Montmirail na França tinha vivido cristãmente até a idade de quinze anos, quando teve a desventura de ligar-se a

maus companheiros. As más conversas, as leituras de maus livros o afundaram no abismo da incredulidade e da libertinagem. Seus pais fizeram de tudo para levá-lo a bons sentimentos, mas nada podendo conseguir, foram à igreja na noite da Imaculada Conceição (8 de dezembro de 1839) e o recomendaram às orações dos agregados do Sagrado Coração de Maria. Na mesma noite em que foi recomendado, o jovem voltou para casa e sem dizer nada, contra o costume, foi dormir. Ele não pensava em Maria, mas ela pensava nele. No dia 10 de dezembro, quase fora de si, chama seu pai e lhe diz: “Meu pai, eu sou infeliz e sofro muito, já são trinta e seis horas que não consigo comer, nem dormir. Eu sou um leão raivoso e não sei mais o que dizer, nem o que fazer: preciso ir conversar com o padre, sem falta”. O jovem partiu, foi ter com o padre e, agitado pelos remorsos de consciência, suplica que o confesse. “Peço-vos, disse ao padre, que me confesseis imediatamente. Não posso mais viver neste estado”. O pároco o animou, confortou e dali a pouco ouviu sua dolorosa confissão. Recebida a absolvição, sentiu imediatamente se inundar seu coração de tanta consolação que já não podia caber em si de contentamento. Chegando em casa, manifesta ao pai a graça recebida e a tranquilidade paradisíaca que sentia. O que ainda lhe estava a peito era a recuperação dos que ele tinha arrastado para o mal com seus escândalos. Cheio de coragem cristã, em nada se importando com o que os colegas iriam dizer, manifestou-lhes o que acontecera com ele, as consolações que provava, exortou-os também a fazerem a mesma experiência. Em suma, esta nova presa da misericórdia de Maria fez como o penitente Davi quando, para reparar o escândalo dado, procurou conquistar almas para Deus: *Docebo iniquos vias tuas*. [Sl 50,15]

Jaculatória: Mãe de amor, pedi a Deus, viva dor pelas minhas culpas*.

271. A santa comunhão

Edição impressa em G. BOSCO, *Il mese di maggio...*, pp. 139-144 (OE X, 433-438).

1. Compreendes, ó cristão, o que significa fazer a santa comunhão? Significa aproximar-te da mesa dos anjos para receber o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é dado como alimento

* Em italiano, a oração é ritmada: “*Da Dio impetrami, Madre d’amore / delle mie colpe vivo dolore*”.

da nossa alma sob as espécies de pão e de vinho consagrados. Na missa, no momento em que o sacerdote profere sobre o pão e o vinho as palavras da consagração, o pão e o vinho se tornam corpo e sangue de Jesus Cristo. As palavras usadas pelo nosso divino Salvador ao instituir este sacramento são: Isto é meu corpo, isto é meu sangue: *hoc est corpus meum, hic est cálix sanguinis mei* [Lc 22,19-20]. Estas mesmas palavras são usadas pelos sacerdotes no sacrifício da santa missa. Portanto, quando fazemos a comunhão recebemos o próprio Jesus Cristo em corpo, sangue, alma e divindade, isto é, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, vivo como está no céu. Não uma imagem sua, nem também sua figura, como uma estátua, um crucifixo, mas é Jesus Cristo em pessoa, tal como nasceu da Imaculada Virgem Maria e por nós morreu na cruz. O próprio Jesus Cristo nos garantiu sua real presença na Santa Eucaristia quando disse: Isto é o meu corpo que será dado para a salvação dos homens: *corpus, quod pro vobis tradetur* [Jo 6,51]. Este é aquele pão vivo que desceu do céu: *hic est panis vivus, qui de caelo descendit*. O pão que vos darei é a minha carne; a bebida que eu dou é o meu verdadeiro sangue. Quem não come deste corpo e não bebe deste sangue não tem em si mesmo a vida eterna.

2. Jesus, tendo instituído este sacramento para o bem das nossas almas, deseja que nós nos aproximemos dele com frequência. Eis as palavras com que nos convida: Vinde a mim todos vós que estais cansados e eu vos aliviarei: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos* [Mt 11,28]. Em outro lugar dizia aos hebreus: “Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram; mas quem come o alimento prefigurado no maná, aquele alimento que eu dou, aquele alimento que é o meu corpo e o meu sangue, nunca morrerá. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele, pois a minha carne é verdadeiro alimento e o meu sangue verdadeira bebida”. Quem poderia resistir a este amoroso convite do divino Salvador? Para corresponder a este convite, os cristãos dos primeiros tempos iam todos os dias ouvir a palavra de Deus e todos os dias se aproximavam da santa comunhão. É neste sacramento que os mártires encontravam a sua força, as virgens o seu fervor, os santos a sua coragem. E nós, com que frequência nos alimentamos com este alimento celeste? Se examinarmos os desejos de Jesus Cristo e as nossas necessidades, devemos comungar muito frequentemente. Assim como o maná serviu todos os dias como alimento corporal para os hebreus em todo o tempo que viveram no deserto até que foram conduzidos à terra prometida, assim a santa comunhão deveria ser o nosso conforto, o alimento cotidiano nos perigos deste mundo para nos guiar até a verdadeira terra prometida do paraíso. Santo Agostinho diz assim: Se todos os dias pedimos a Deus o pão corporal, por que não haveremos de alimentar-nos cada dia com o pão espiritual da santa comunhão? São Filipe Neri encorajava os cristãos a se confessarem cada oito dias e a comungarem ainda mais do que isto, segundo o conselho do confessor. Finalmente, a

Santa Igreja manifesta seu vivo desejo da frequente comunhão no Concílio Tridentino: “Seria sumamente desejável que cada fiel cristão se mantivesse em tal estado de consciência para poder fazer a santa comunhão sempre que participa da santa missa”. O papa Clemente XIII, para encorajar os cristãos a se aproximarem com frequência da santa confissão e da comunhão, concedeu o seguinte favor: os cristãos que têm o louvável costume de confessar-se toda semana podem adquirir a indulgência plenária sempre que fizerem a santa comunhão.

3. Alguém dirá: eu sou muito pecador. Se tu és pecador, procura pôr-te na graça de Deus com o sacramento da confissão e depois te aproxima da santa comunhão e receberás uma grande ajuda. Outro dirá: comungo raramente para ter maior fervor. O que se faz raramente, em geral, faz-se mal. Além disso, sendo frequentes as tuas necessidades, frequente deve ser também o socorro para a tua alma. Alguns acrescentam; eu estou repleto de doenças espirituais e não ousa comungar com frequência. Jesus Cristo responde: *Os que estão bem não precisam de médico*; por isso, os que estão mais sujeitos a incômodos, esses é que precisam ser mais visitados pelo médico. Coragem, portanto, ó cristão, se queres fazer uma coisa mais gloriosa para Deus, mais grata a todos os santos do céu, a mais eficaz para vencer as tentações, a mais segura para fazer-te perseverar no bem, essa é certamente a santa comunhão.

Exemplo – Um jovem de nome Domingos Savio, pelo vivo desejo de agradar a Maria, lhe oferecia todos os dias alguma oração, mas no sábado comungava em honra daquela que ele costumava chamar de mãe caríssima. No ano de 1856 fez o mês de Maria com tal fervor que seus colegas ficaram muito edificadas com ele. Todos os dias pedia a Maria que o tirasse deste mundo antes que pudesse perder a virtude da pureza. No dia do encerramento pediu somente uma graça: de poder fazer uma boa comunhão antes de morrer. A Santa Virgem o atendeu. Nove meses depois (9 de março de 1857) ele morria com a idade de quinze anos depois de receber o Santo Viático com grandes transportes de ternura e devoção. Nos instantes que se passaram entre o Viático e a morte, ele repetia: “Ó Maria, vós me atendestes, eu estou bastante rico. Nada mais vos peço a não ser que me assistais nestes últimos momentos de vida e que me acompanheis desta vida até a eternidade”. Quase no próprio momento dessas palavras que acabava de proferir, sua alma voou certamente para o céu, acompanhada por Maria, de quem em vida tinha sido fervoroso devoto.

Jaculatória: Eu vos adoro a cada momento / vivo pão do céu / grão sacramento*.

* Em italiano: “*Vi adoro ogni momento / o vivo pan del ciel / gran Sacramento*”.

II. COOPERADORES DA MISSÃO SALESIANA

O primeiro texto (n. 272) reproduzido aqui é um extrato da longa conferência proferida por Dom Bosco por ocasião da inauguração do Patronato São Pedro em Nice, em 12 de março de 1877. Após resumir os acontecimentos que levaram à fundação da primeira casa salesiana na França, graças ao empenho de um grupo de leigos pertencentes à Sociedade de São Vicente de Paulo apoiados pelo bispo dom Pedro Sola, o Santo afirma que só foi possível criar a obra em virtude da fecunda colaboração entre salesianos e Cooperadores. Em seguida, depois de explicar o objetivo final da Instituição (“o bem da humanidade e a salvação das almas”), conclui com a reflexão que aqui apresentamos, toda ela centrada na caridade operativa, nas obras de misericórdia, como elementos constitutivos do verdadeiro discipulado cristão, e na recompensa eterna que daí resultará (cf. Mt 25, 34-35).

O segundo documento (n. 273) é transcrição da primeira conferência feita por Dom Bosco aos Cooperadores de Turim em 16 de maio de 1878. O texto é importante porque o fundador, lembrando os trinta e cinco anos de história do Oratório, mostra a função decisiva desempenhada pela cooperação (entendida no sentido mais amplo) na realização de obras providenciais, que não teria sido possível criar sem a substancial colaboração de uma falange de colaboradores generosos, benfeitores e Cooperadores. Desde o momento da fixação do Oratório na mísera casa de Valdocco, destinada aos “jovens transviados” do bairro, até a expansão mundial da Obra Salesiana, “com o concurso de muitas pessoas, Cooperadores e Cooperadoras, foi possível fazer muita coisa, que cada um jamais teria podido fazer sozinho”. Agora que a divina Providência ampliou os horizontes da missão salesiana, a função dos Cooperadores é mais do que decisiva: sem eles – afirma Dom Bosco – os salesianos “não poderiam exercer o próprio zelo”; pois, “não bastam as pessoas, são necessários os meios” e estes são confiados à cooperação salesiana. O vibrante apelo conclusivo define da maneira mais plena a vocação da Família Salesiana: “Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima. Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, [esta], entre as divinas, é coisa diviníssima”.

272. A caridade para com os pequenos e os pobres

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nice a Mare. Scopo del medesimo ... con appendice sul sistema preventivo della educazione della gioventù*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1877, pp. 34-40 (OE XXVIII, 412-418).

[12 de março de 1877]

Deus é infinitamente rico e generoso. Sendo rico, pode dar-nos grande recompensa por tudo o que foi feito por amor a ele; como Pai de generosidade infinita, paga com boa e abundante medida cada coisa, por menor que seja, feita por seu amor. Vós, diz o Evangelho, não dareis um copo de água fresca em meu nome a um dos meus amigos menores, ou seja, a um necessitado, sem que tenhais a vossa recompensa.

A esmola, diz-nos Deus no livro de Tobias, livra da morte, purifica a alma dos pecados, faz encontrar misericórdia diante de Deus e conduz à vida eterna. *Elemosina est quae a morte liberat: purgat peccata, facit invenire misericordiam et vitam aeternam* [Tb 12,9].

Entre as grandes recompensas há também esta: o divino Salvador considera feita a si mesmo toda caridade feita aos infelizes. Se nós víssemos o divino Salvador caminhar mendigo pelas nossas praças, bater à porta das nossas casas, haveria por acaso um cristão que não lhe ofereceria generosamente até mesmo o último centavo da sua bolsa? No entanto, na pessoa dos pobres, dos mais abandonados, está representado o Salvador. Ele diz: tudo o que fizerdes aos mais desprezados, o fazeis a mim. Portanto, não são mais pobres meninos que pedem caridade, é o próprio Jesus na pessoa dos seus pobrezinhos.

E o que dizer da recompensa excepcional que Deus reserva para o momento mais importante e difícil em que será decidida a nossa sorte com uma vida sempre feliz ou sempre infeliz? Quando nós, senhores, nos apresentarmos diante do tribunal do juiz supremo para dar contas das ações da vida, a primeira coisa que amorosamente nos recordará não são as casas construídas, as poupanças recolhidas, a glória conquistada ou as riquezas acumuladas; disto não dirá palavra, mas dirá unicamente: Vinde, benditos do meu Pai, vinde tomar posse do reino que vos foi preparado. Eu tinha fome, e vós, na pessoa dos pobres, me destes pão; eu tinha sede, e vós me destes de beber; eu estava nu, e vós me vestistes; eu estava no meio da rua, e vós me acolhestes. *Tunc dicet rex his qui a dextris eius erunt: Venite, benedicti*

Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. Esurivi enim et dedistis mihi manducare; sitiivi et dedistis mihi bibere; hospes eram et collegistis me; nudus et cooperuistis me (Mt 25, 34-35).

Estas e outras palavras dirá o divino juiz, como estão registradas no Evangelho: após o que, ele os abençoará e conduzirá à vida eterna. Mas Deus, Pai de bondade, conhecendo que o nosso espírito está pronto, mas a carne é muito fraca, quer que a nossa caridade tenha o cêntuplo também na vida presente. De quantas maneiras, senhores, nesta terra, Deus nos dá o cêntuplo das boas obras? Cêntuplo são as graças especiais de viver bem e morrer bem; são a fertilidade dos campos, a paz e a concórdia das famílias, o bom êxito dos negócios temporais, a saúde dos parentes e dos amigos, a conservação, a boa educação dos filhos. Recompensa da caridade cristã é o prazer que cada um sente no seu coração ao fazer uma boa obra. Não é grande consolação quando se reflete que com uma pequena esmola se contribui para recolher pessoas prejudiciais à sociedade civil para transformá-las em homens úteis a si mesmos, aos seus semelhantes, à religião? Pessoas que estão para se tornar o flagelo das autoridades, os infratores das leis públicas e ir consumir os suores dos outros nas prisões, em vez de pô-los em situação de honrar a humanidade, de trabalhar e com o trabalho ganhar seu honesto sustento; e isto com decoro para os lugares onde habitam, com honra das famílias a que pertencem?

Além de todas estas recompensas que Deus concede na vida presente e na futura, há ainda uma que os beneficiados devem oferecer a seus benfeitores. Sim, senhores, não queremos defraudar-vos da recompensa que está completamente em nosso poder. Ouvi: todos os padres, os clérigos, todos os jovens recolhidos e educados nas casas da Congregação Salesiana, e mais especialmente os do Patronato São Pedro, elevarão ao céu, de manhã e de noite, particulares orações pelos seus benfeitores. De manhã e de noite os vossos beneficiados, com orações especiais, invocarão as bênçãos divinas sobre vós, sobre as vossas famílias, os vossos parentes, os vossos amigos. Suplicarão a Deus para que conserve a paz e a concórdia nas vossas famílias, vos conceda saúde estável e vida feliz, mantenha longe de vós as desgraças, tanto nas coisas espirituais quanto nas temporais; e a tudo isso acrescente a perseverança no bem e, quanto mais tarde aprover a Deus, os vossos dias sejam coroados por uma santa morte. E se no curso da vida mortal, senhores, tivermos a sorte de encontrar-vos pelas ruas da cidade ou em qualquer outro lugar, oh! então, sim, recordaremos com alegria os benefícios recebidos e respeitosamente descobriremos a cabeça em sinal de eterna gratidão sobre a terra, enquanto Deus, bondoso, vos garantirá a recompensa dos justos no céu. *Centuplum accipietis et vitam aeternam possidebitis* [Mt 19,29].

273. “Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude”

ASC A0000205 *Cronachetta*, Quad. V, 1877-1878, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 48-61⁴.

16 de maio de 1878

Não sei, beneméritos Cooperadores e Cooperadoras, não sei se antes eu devo agradecer-vos ou convidar-vos a, juntos, agradecermos a Deus por nos ter reunido num corpo compacto e postos na situação de fazer um grande bem, e de nesta noite nos ter reunido aqui para fazer a primeira conferência para os Cooperadores Salesianos em Turim.

Antes de tudo, porém, desejo contar-vos um pouco de história, que nos fará conhecer o que já fizeram em Turim os Cooperadores Salesianos e qual é sua tarefa neste momento. Ouvi.

Trinta e cinco anos atrás, a área que hoje é ocupada por esta igreja servia como lugar de encontro de muitos jovens extraviados, que travavam verdadeiras batalhas, se envolviam em rixas, blasfemavam. Aqui perto havia duas casas nas quais se ofendia a Deus: uma era um bar de beberões e de todo tipo de gente desordeira; a outra, ali, onde agora está o púlpito e indo para a minha esquerda, era uma casa de maus costumes e de imoralidades. Então chegou aqui um padre muito pobre e alugou a preço altíssimo dois aposentos dessa casa. Aquele padre estava acompanhado de sua mãe. O que tinham em mente era ver a maneira de fazer um pouco de bem às pessoas pobres da vizinhança. Todo o seu patrimônio consistia numa cesta enfiada no braço onde havia vários objetos. Pois bem, esse padre viu os jovens que se reuniam aqui para malfeitos, pôde aproximar-se deles, e Deus fez com que a sua palavra fosse ouvida e compreendida. Viu-se logo a necessidade de uma capela para dedicá-la ao culto divino. Partindo do lado da epístola deste altar maior e indo para a direita de quem olha, havia um telheiro que servia como depósito. Foi possível dispor dele e, não possuindo outra coisa, foi adaptado em forma de igreja. Aqueles jovens extraviados, pouco a pouco se deixaram atrair e vieram para a igreja, e em pouco tempo seu número cresceu de tal modo que a igreja estava lotada, e na própria pracinha, onde agora está esta igreja, ali era ministrado o catecismo, não podendo a igrejainha contê-los a todos.

⁴ É a primeira conferência feita por Dom Bosco aos Cooperadores Salesianos de Turim; ocorreu na parte da tarde do dia 16 de maio de 1878, em Valdocco, na igreja de São Francisco de Sales (cf. MB XIII, 624-630).

Ora, esse padre não estava sozinho. Contava também com a ajuda do zelosíssimo teólogo Borel, que fez tanto bem em Turim; mas ele, que estava muito ocupado com as prisões e em dar assistência aos condenados à morte, com as obras do Cottolengo, da marquesa Barolo, no Refúgio, e com outras obras, só podia dar alguma ajuda, dado que sua vida era despendida em tantas outras coisas. Deus providenciou o que faltava e, pouco por vez, vários beneméritos eclesiásticos se uniram com aquele pobre padre: alguns confessavam, outros pregavam, outros davam catecismo, enfim, todos prestavam sua ajuda. E eis aquela obra do Oratório sendo mantida por esses beneméritos eclesiásticos. Isso, porém, não era suficiente. Crescendo as necessidades das escolas noturnas e dominicais, não bastavam alguns padres. Pois bem, diversos senhores também deram a sua colaboração. Era mesmo a divina Providência que os enviava e com sua ajuda o bem foi se multiplicando. Esses primeiros Cooperadores Salesianos, tanto eclesiásticos quanto leigos, não reparavam em incômodos e fadigas, mas vendo o bem que se fazia e como muitos jovens extraviados tomavam o caminho da virtude, se sacrificavam generosamente. Vi muitos deixarem suas comodidades, não somente aos domingos, mas também nos outros dias da Quaresma e, embora a hora fosse muito incômoda para eles, sendo, porém, cômoda para os meninos, eles vinham ajudar a obra do Oratório.

Entretanto, viu-se que cresciam sempre mais as necessidades desses meninos também materialmente. Havia alguns cujas calças e os casacos estavam caindo aos pedaços, inclusive com prejuízo para a modéstia; outros não tinham com que trocar aquele trapo de camisa que usavam. Foi nesse momento que a bondade e a utilidade das Cooperadoras começaram a se evidenciar. Aqui eu queria, para a glória das senhoras turinenses, contar por toda parte como muitas delas, embora se tratasse de famílias muito delicadas, não lhes repugnava pegar aqueles casacos, aquelas calças e remendá-las com suas mãos; pegar aquelas camisas já todas rasgadas, que provavelmente jamais viram água, elas mesmas lavá-las, remendá-las e devolvê-las aos pobres meninos, que, atraídos pelo perfume da caridade cristã, perseveravam no Oratório e na prática da virtude. Várias dessas beneméritas senhoras depois mandavam roupas, dinheiro, comida e tudo o que podiam. Algumas estão aqui a me ouvir e muitas já foram chamadas por Deus para receber o prêmio das suas fadigas e das obras de caridade.

Aqui está, então, como, com a ajuda de numerosas pessoas, dos Cooperadores e das Cooperadoras, foi possível fazer muita coisa, que individualmente jamais teria sido possível realizar. Com a ajuda tão eficaz de padres, senhores e senhoras, o que aconteceu? Milhares de jovens vieram aqui buscar instrução religiosa naquele mesmo lugar onde antes se aprendia a blasfemar; vieram aprender a virtude no mesmo lugar que antes era centro

de imoralidade. Foi possível abrir escolas noturnas e dominicais e os meninos mais pobres e abandonados foram retirados das ruas, a pracinha de 1852 tornou-se esta igreja e aquela casa se tornou a morada dos meninos pobres. Tudo isso é obra vossa, beneméritos Cooperadores e Cooperadoras.

Com a ajuda dos primeiros colaboradores e de outros somados a eles, foi possível abrir outros dois oratórios em mais dois pontos da cidade, um em Vanchiglia, chamado de Anjo da Guarda, que, em seguida, construída a igreja paroquial de Santa Júlia, se transferiu ao lado dessa paróquia; o outro, chamado de São Luís, foi aberto em Porta Nuova; junto a este está sendo construída a igreja de São João Evangelista.

Entretanto, as necessidades sentidas em Turim começaram a ser sentidas também em outras cidades e localidades, e continuando sempre com a ajuda dos Cooperadores, foi possível estabelecer normas e também ir para fora de Turim. Era preciso que fosse suprida pelos Cooperadores a grande falta de clero que todos os dias se experimenta em todo o Piemonte e em outras partes. Como fazer? A religião católica não repara o lugar, a cidade, a localidade; ela é universal e quer que o bem seja feito por toda parte, e onde a necessidade for maior, ali a religião exige que maiores sejam os esforços. Assim, de repente foi aberta uma casa em Mirabello, depois outras em Lanzo, depois outras e mais outras. Atualmente são mais de cem entre igrejas e casas abertas em favor de 25 mil jovens internos e externos que recebem instrução religiosa nas nossas casas. Quem fez tudo isso? Um padre? Não! Dois, dez, cinquenta? Também não; não poderiam ter feito tanta coisa. Foram os muitos Cooperadores e Cooperadoras que em toda parte, em cada localidade e em cada cidade se uniram para ajudar esses poucos padres. Sim, são eles, não, porém, somente eles. É preciso, sim, é preciso reconhecer a mão de Deus, que do nada fez surgir tantas obras.

Sim, é a divina Providência que enviou tantos meios para poder salvar tantas almas. Se não tivesse sido o próprio Deus a querê-lo, eu julgaria impossível que alguém tivesse podido fazer tanto. Mas a necessidade era real e grande, e Deus, para as grandes necessidades, manda os auxílios. Estas necessidades crescem e são sentidas a cada dia. Deus por acaso nos abandonará?

O que vos digo, isto é, que as necessidades crescem a cada dia, não é mais do que uma realidade muito concreta. Ah, se vós vísseis quantos pedidos são feitos de todas as partes do mundo para que abramos casas para os jovens pobres abandonados! Se soubésseis em quantos lugares neste momento se sente a necessidade que em tempos idos não parecia ocorrer a não ser nas grandes cidades! É para se ficar de boca aberta. Além disso, no caso das missões, quanto cresce atualmente a necessidade de ajuda! E notai que já não se trata de ir

gastar a própria vida entre os selvagens, com perigo de martírio ou de grandes sofrimentos. Atualmente são os próprios selvagens que começam a conhecer seu estado miserável e desejam instruir-se. Eu diria, são eles mesmos que estendem os braços até nós, pedindo que se vá civilizá-los, a ensinar-lhes a religião, sem a qual se dão conta de que a vida deles é infeliz. De todas as partes chegam esses pedidos de missões: da Índia, da China, de Santo Domingo, do Brasil, da República Argentina, nos chegam pedidos insistentes, de modo que se eu, neste momento em que vos falo, tivesse dois mil missionários, na mesma hora teria para onde mandá-los, certo do fruto que haveriam de colher. Pois bem, também nas missões já se fez o bem com a Obra dos Oratórios e esperamos que com o apoio e a ajuda dos Cooperadores e das Cooperadoras esse bem possa multiplicar-se e aumentar para a glória de Deus.

Há ainda outra obra feita com fruto desses oratórios, obra que não desejo ver publicada, mas que é bom que por vós seja conhecida. Consiste em procurar jovens de boa vontade e propiciar-lhes os meios para que possam tornar-se sacerdotes. O número dos ministros do Senhor, vós sabeis, cada dia é menor, numa desproporção assustadora. Por isso, procuraram-se de todas as maneiras jovens que dessem firmes esperanças nesse sentido, foram reunidos, encaminhados aos estudos e centenas e mais centenas de padres já saíram das nossas casas. Quereis que vos diga muito secretamente o número dos clérigos do ano passado? Ouvi. Entre todas as nossas casas esparsas pela Itália, França, Uruguai e República Argentina, no ano passado foram formados 300 clérigos. Estes, na maior parte, vão para as próprias dioceses e, só para falar de uma, vede a diocese de Casale, dos 42 clérigos que estão no seminário, 34 saíram das nossas casas. Outros se tornam religiosos ou vão para as missões ou também ficam conosco para nos ajudar com tudo o que eles podem e sabem fazer. Vedes para onde vão as vossas esmolas, a vossa ajuda, a vossa caridade?

Outra obra não pequena consiste em opor-se à heresia que ameaça invadir tantas cidades e lugares. Ela faz estragos nos países católicos e vai se difundindo tanto mais quanto mais cresce a liberdade no mundo político; pois, quando, sob o título de liberdade, se abre a porta à possibilidade de fazer o mal e ao mesmo tempo se dificulta a obra dos bons, teremos sempre consequências funestas. Por isso, procurou-se impedir a heresia e a impiedade por meio de livros redigidos para esta finalidade, que com grande fadiga e despesa eram preparados e difundidos entre o povo católico. Mas os livros não fazem tudo. Temos necessidade de, como sentinela alerta nos lugares onde o perigo é maior e contínuo, pôr ali um verdadeiro piquete de soldados para paralisar pelo menos o mal. Pois bem, aqui em Turim, junto à igreja dos protestantes, desde 1847, abriu-se o Oratório de São Luís, e agora, após tantos estudos e fadigas, consegue-se ir levantando a igreja de São João Evangelista.

Também em Sampierdarena a heresia se impunha e então ali foi posto um internato. Em Nice, justo ao lado da igreja protestante, foi construído o Patronato São Pedro. Em La Spezia a heresia progrediu de forma extraordinária: ali se fez todo o esforço possível e finalmente foram abertas escolas. Mas para não ficar citando tudo, contarei o que aconteceu perto de Ventimiglia. Ali, em poucos anos, crescendo o número dos habitantes, encheu-se de casas um vale chamado Vallecrosia. O número dos habitantes cresceu de centenas e até de milhares. Tratando-se de casas novas, não se pensou ou não se conseguiu erigir nenhuma igreja. Os protestantes, vista a conveniência, levantaram bem no centro um grande edifício para que servisse de internato e de escola, e uma igreja deles. Os habitantes daquele vale, não dispendo de outras escolas, foram atraídos por elas e depois vários iam também para a sua igreja. O bispo não sabia como fazer; construir uma igreja, transformá-la em paróquia, são coisas que nos nossos dias não podem mais ser feitas por alguém sozinho. Não havia meios, mas a Providência nos ajudou e, não podendo mais, foi alugada uma casa; no depósito ao rés do chão fazem-se algumas reformas, erige-se um altar e aí está pronta uma igreja. Nos aposentos à direita e no primeiro andar abrem-se duas salas de aula para meninos; nos aposentos à esquerda dessa pequena igreja, chamam-se as Irmãs de Maria Auxiliadora e ali se abrem as escolas para as meninas. Eis aí a mudança feita! O oratório festivo atrai pequenos e grandes, e todos os habitantes da redondeza têm a comodidade de ouvir a santa missa; as escolas dos meninos são logo frequentadas; as das meninas também. A situação é enfrentada com tal empenho que agora as escolas dos protestantes estão totalmente fechadas porque não há mesmo um só, nem entre meninos nem entre meninas, que as frequentem. Também vários que tinham começado a frequentar a igreja protestante foi possível atraí-los com bons modos para os sacramentos na Páscoa, deixaram abandonado o lugar que estava para se tornar centro de heresia para a Ligúria.

É impossível que uma pessoa sozinha possa fazer todas essas obras. É necessário dispor de Cooperadores. Suas contribuições ajudam, por exemplo, a ir a determinado lugar e fazer as primeiras estruturas; quando se está lá, juntam-se Cooperadores no próprio lugar e se vai adiante. Sem a ajuda dos Cooperadores, os salesianos estariam encalhados e não poderiam desenvolver o seu zelo. Verdade é que dificuldades se encontrarão sempre ao realizar essas obras, mas Deus dispôs de tal modo que sempre foi possível superá-las.

Neste ano, as dificuldades se multiplicaram; todavia, nós vemos a mão do Senhor a nos sustentar continuamente. Neste ano faleceu o nosso incomparável benfeitor Pio IX; aquele Pio IX que aprovou a Associação dos Cooperadores e a enriqueceu com tão insignes indulgências; aquele Pio IX que

quis ser inscrito por primeiro entre os Cooperadores Salesianos; aquele Pio IX que nunca deixava passar ocasião propícia para nos ajudar. Sim, ele faleceu, mas Deus dispôs que lhe sucedesse um Leão XIII. Eu me apresentei a ele e lhe falei dos Cooperadores Salesianos. Pedi-lhe que permitisse que seu augusto nome, como já o nome do seu antecessor de feliz memória, constasse entre os Cooperadores Salesianos. Ele, tendo-se informado bem do seu espírito, acrescentou: “Não pretendo ser só Cooperador Salesiano, mas operador. O papa, não deve ser ele o primeiro a incrementar as obras de caridade?”. Eis aí, portanto, como tendo perdido um pai, Deus nos providenciou outro não menos benévolo do que o primeiro. Neste mesmo ano morreram vários beneméritos senhores, sempre propensos a ajudar o Oratório; mas Deus dispôs que outros os substituíssem e a caridade dos fiéis não nos deixa faltar nada do que é necessário.

Então, agora, eis qual deve ser mais diretamente o escopo dos Cooperadores Salesianos; eis em quê devem se ocupar. É preciso continuar as obras começadas, das quais vos falei; aliás, essas obras precisam ser multiplicadas. Por isso, precisamos de pessoas e de meios. Nós sacrificamos as nossas pessoas; Deus, todos os dias, nos manda pessoal pronto para qualquer sacrifício, também para dar a vida pela salvação das almas. Mas as pessoas não bastam; precisamos dos meios. Cabe a vós procurar os meios, beneméritos Cooperadores. Eu vos encarrego dos meios materiais; fizeti de tal modo que não venham a faltar. Notai bem como é grande a graça de Deus que põe em vossas mãos os meios para cooperar para a salvação de muitas almas. Já vimos que, com nossa ação, até agora apresentada, da cooperação dos bons resulta a salvação das almas.

Agora seria a hora de eu vos agradecer. Mas que agradecimentos? Eu não posso fazê-los. Seria muito pequena recompensa agradecer-vos pelas vossas boas obras. Deixarei que Deus vos agradeça por elas. Sim, eu o disse mais de uma vez, que Deus considera como feito a ele o que se faz ao próximo. Por outro lado, é certo que a caridade não simplesmente corporal, mas que também visa a um escopo espiritual, tem um merecimento ainda maior. E gostaria de dizer: não só tem um valor maior, mas um valor divino. Os santos padres estão de acordo em repetir o dito de São Dionísio: *Divinorum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum*. E explicando esta passagem com Santo Agostinho, diz-se que esta obra divina é um penhor absoluto da própria predestinação: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.

Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, esta é divina entre as diviníssimas.

Ah! portanto, vós, concorrendo para fazer estes grandes bens de que falamos, podereis estar seguros de salvar a vossa alma. Por isso, eu deixo de vos fazer agradecimentos. Só quero que saibais que na igreja de Maria Auxiliadora, de manhã e de noite, e posso dizer durante todo o dia, reza-se de modo especial por vós, a fim de que Deus vos agradeça por meio daquelas palavras que vos dirá no dia decisivo do juiz: *Euge, serve bone et fidelis...*[Mt 25,23]. Vós fazeis sacrifícios, mas tende em mente que Jesus Cristo fez de si um sacrifício bem maior e jamais nos aproximaremos do sacrifício que ele fez por nós. Aqueles que procuram imitá-lo em fazer sacrifícios para salvar as almas, podem estar tranquilos de que o *animam salvasti, animam tuam praedestinasti* não é exagerado e certamente serão coroados com o *intra in gaudium Domini tui* [Mt 25,23] que ardentemente desejo a todos e pelo qual eu rezo.

III. CONSELHOS ESPIRITUAIS A AMIGOS, COOPERADORES E BENFEITORES

A correspondência de Dom Bosco com os Cooperadores e os amigos, leigos e eclesiais, contém sempre sugestões espirituais específicas e substanciais, com a finalidade de propor um caminho de vida interior que à devoção e ao fervor espiritual una o exercício das virtudes, a caridade operante, o cumprimento amoroso e fiel dos deveres do próprio estado.

Desses pequenos textos emerge a inspiração “salesiana” do nosso Santo, a sintonia com os ensinamentos expressos por São Francisco de Sales na Introdução à vida devota e nas cartas de direção espiritual.

Aqui referimos doze cartas que documentam a gama das relações de Dom Bosco e a concretude da sua “escola” espiritual.

274. A um leigo desejoso de perfeição

Edição crítica em E(m) I, pp. 525-526.

Turim, 24 de setembro de 1862

Caríssimo no Senhor,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

Há algum tempo recebi as duas cartas que teve a bondade de enviar-me, e não lhe respondi porque não sabia exatamente o lugar de sua permanência.

À minha resposta junto um bilhete vermelho [da loteria], aliás, dois, para que ganhe dois prêmios. Os bilhetes que eu lhe tinha mandado não eram tanto para vender, mas para conservar para o senhor e assim ajudar o pobre Dom Bosco a dar pão aos seus pobres jovens.

Retomando os assuntos da sua primeira carta, eu admiro muito os impulsos do seu coração em querer seguir os conselhos de um velho sacerdote como eu. A coisa é árdua para ambos, mas tentemos.

Como devo fazer para enveredar por uma vida que, o senhor dizia, desapegue do mundo e una este meu coração ao Senhor de tal modo que eu ame constantemente a virtude?

R. A boa vontade auxiliada pela graça de Deus produzirá este efeito maravilhoso. Mas para conseguir, o senhor deve esforçar-se para conhecer e saborear a beleza da virtude e a alegria que prova no coração quem busca a Deus.

Leve em conta também a nulidade das coisas do mundo. Elas não podem dar-nos a mínima consolação. Ponha junto todas as suas viagens, tudo o que viu, gozou, leu e observou. Compare tudo com a alegria que prova um homem depois que se aproximou dos sacramentos, e se dará conta de que as primeiras são um nada, e as segundas contêm tudo.

Estabelecida assim uma base, vamos à prática. O senhor: 1º Toda manhã, missa e meditação. 2º Na parte da tarde, um pouco de leitura espiritual. 3º Todo domingo, pregação e bênção [do Santíssimo]. 4º ... Devagar, o senhor me diz, pouco por vez. Tem razão; comece a pôr em prática o que aqui lhe escrevo de passagem e, se o senhor perceber que consegue manter o passo, eu espero, com a ajuda de Deus, poder conduzi-lo ao terceiro céu.

Quando vier a Turim falaremos dos projetos um pouco mais amplamente. Entretanto, não deixe de pedir a Deus por mim, que de coração lhe desejo todo bem no Senhor e me professo de vossa caríssima senhoria

Afeioadíssimo servidor e amigo

Sac. João Bosco.

275. A uma pessoa religiosa

Edição crítica em E(m) II, p. 276.

Turim, 22 de julho de 1866

Prezadíssima senhora,

A tibieza quando não provém da própria vontade está totalmente isenta de culpa. Aliás, eu creio que essa tibieza, que toma o nome de aridez do espírito, seja meritória diante de Deus. Todavia, se deseja alguns fósforos que soltam fagulhas, eu os encontro nas jaculatórias ao Santíssimo Sacramento, em alguma visita na capela, beijar a medalha ou o crucifixo. Mas mais do que outra coisa, o pensamento de que as tribulações, as penas e a aridez do tempo são como rosas perfumadas para a eternidade.

Não deixarei de recomendá-la como posso a Deus na santa missa e, enquanto recomendo a mim mesmo e aos meus pobres jovens às suas santas orações, tenho a honra de professar-me com gratidão sincera de vossa prezadíssima senhoria

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco.

276. Ao marquês Inácio Pallavicini

Edição crítica em E(m) II, pp. 423-424.

Setembro de 1867

Excelência,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja conosco. *Amen.*

Eis-me a falar com vossa excelência como faria com meu irmão. O que lhe escrevi em agosto não é nem para ameaçá-lo nem para pressioná-lo: é tudo coisa amorosa e preventiva. Dito isso, o senhor deve pensar particularmente em três coisas: *em si mesmo – nos seus – nas suas coisas.*

Em si mesmo. Dê uma olhada nos propósitos feitos em confissão e que não foram mantidos; nos conselhos recebidos para evitar o mal e praticar o bem, mas esquecidos; igualmente uma grande falta de arrependimento dos pecados. A isso poderá remediar por meio da meditação e do exame de consciência à noite ou em outra hora mais conveniente para o senhor. No momento presente, Deus quer maior paciência nas suas ocupações, especialmente em família; mais confiança na bondade do Senhor; mais tranquilidade de espírito; nunca ter medo de que a morte o surpreenda de noite ou em outro momento inesperado. Faça um esforço para praticar as virtudes da humildade e da confiança em Deus, e não tenha medo de nada. Para o futuro, frequente a confissão e a comunhão de tal modo que sirva de modelo para todos que o conhecem.

Nos seus. Procure fazer com que os seus dependentes disponham de tempo para cumprir seus deveres religiosos, dispor o que se refere a eles de tal modo que na morte e depois da morte tenham motivos para bendizer

o seu patrão. Em família, caridade e benevolência com todos; nunca deixar passar alguma oportunidade para dar conselhos ou avisos que possam servir de norma de vida e de bom exemplo.

Nas suas coisas. Aqui precisaria escrever muito. Segunda-feira deverei ir a Alessândria e de lá farei um passeio até Mombaruzzo, onde espero escrever ou falar com alguma tranquilidade. O que Deus quer especialmente do senhor é promover quanto puder a veneração de Jesus Sacramentado e a devoção à Bem-aventurada Virgem Maria.

Deus nos ajude a caminhar pelo caminho do céu. Assim seja. Com gratidão me professo de vossa excelência

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

277. A César Callori

Edição crítica em E(m) II p. 426.

Turim, 6 de setembro de 1867

Caríssimo senhor César,

Desta vez não é mais César, mas Dom Bosco que confessa uma culpa. Uma coisa e outra, e não cumpri o meu dever de enviar o livro que o nosso César se oferecera para traduzir para as nossas *Leituras Católicas*.

Vamos agora ajustar as coisas em família. Um fascículo para o senhor, outro para a senhorinha Glória; e como atrasei a expedição, o senhor consertará ou melhor compensará o tempo perdido com uma diligência e solicitude especial na execução do trabalho. Que desenvoltura mostra Dom Bosco quando manda! Sorte que se tem de haver com gente dócil e obediente; de outra sorte me deixaria sozinho a cantar e a carregar a cruz.

Enquanto por outra parte me confesso culpável, quereria mandar-lhe, diria melhor, quereria recomendar-lhe duas coisas, das quais já algumas vezes discorremos. Nas várias divisões do seu tempo estabeleça confessar-se cada quinze dias ou uma vez ao mês; não deixe passar dia sem uma breve leitura espiritual... Mas basta: não façamos sermões! Bem, terminemos.

Dê muitas saudações a papai e a mamãe e a todos os membros da sua respeitável família. Dê-me algum bom conselho; acolha meus votos de muitas bênçãos celestes e acredite-me com a mais sentida gratidão de vossa senhoria caríssima

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco

278. A uma mãe de família

Edição crítica em E(m) III, pp. 133-134.

11 de setembro de 1869

Por meio da zelosa irmã Filomena recebi a grossa soma de 10.000 francos que na sua caridade oferece em honra de Maria Auxiliadora, a ser usada para as diversas e graves necessidades deste novo edifício. Eu não pude conversar longamente com aquela religiosa, a não ser rapidamente, e por isso não pude encarregá-la de fazer-lhe meus mais cordiais agradecimentos como desejava tê-lo feito. Agora, ao cumprir este meu dever de gratidão, asseguro-lhe que continuarei a fazer em comum todos os dias especiais orações no altar de Maria Auxiliadora e espero que a graça que pede lhe seja concedida sem falta.

A senhora me diz que até agora não está certa de tê-la obtido; diz que se trata de uma tribulação de família, que não sei qual seja, mas aqui está o que posso lhe dizer: continue a rezar e se resigne aos desígnios divinos. A tribulação está caminhando para seu fim. Há coisas que agora parecem espinhos, mas que Deus transformará em flores. Um olhar ao crucifixo e um *fiat voluntas tua* é o que Deus quer da senhora.

Entretanto, siga este conselho: as feridas em família devem ser medicadas e não amputadas. Não dar importância ao que desagrade, falar com todos e aconselhar com muita caridade e firmeza é o remédio com que a senhora curará tudo. Perdoe-me a liberdade: eu ministro lições a Minerva, por isso se compadeça de mim.

Amanhã (12) eu celebrarei a santa missa, e os meus meninos farão a santa comunhão segundo sua pia intenção. Deus a abençoe, com toda sua família e a todos conceda longos anos de vida feliz, com o precioso dom da perseverança final.

Aceite meus profundos sentimentos de gratidão com que tenho a honra de me professar de vossa senhoria benemérita

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

279. A uma viúva aflita

Edição crítica em E(m) III, pp. 211-212.

Turim, 28 de maio de 1870

Ilustríssima senhora,

Recebi sua honrosa carta que me trouxe real satisfação. Por ela noto que o seu coração está exacerbado pela perda do seu saudoso marido, mas que agora está um pouco mais calmo para abandonar-se com resignação à vontade de Deus, a quem, querendo ou não, é preciso submeter-se. Não tenha medo que venha a diminuir o afeto do seu marido pela senhora na outra vida; pelo contrário, será muito mais perfeito do que foi aqui. Tenha fé; a senhora o verá numa posição muito melhor do que quando estava entre nós. O melhor que a senhora pode fazer por ele é oferecer a Deus toda a preocupação pelo repouso eterno de sua alma.

Agora me conceda um pouco de liberdade para falar-lhe. É de fé que no céu se goza uma vida infinitamente melhor do que aqui na terra. Portanto, por que se lamentar se seu marido foi tomar posse dessa felicidade? É de fé que a morte para nós cristãos não é uma separação, mas uma dilação em termos de se rever. Portanto, paciência quando alguém nos precede, não faz senão ir para o lugar que lhe foi preparado.

É também de fé que a senhora, em qualquer momento, por meio das obras de piedade e caridade, pode fazer bem à alma do falecido; portanto, não deve alegrar-se em seu coração, se Deus lhe concedeu a graça da sobrevivência? Depois, a assistência das crianças, o conforto ao *bon père*, a prática da religião, difundir bons livros, dar bons conselhos a quem precisa, não são todas coisas que, a cada momento, nos devem levar a bendizer ao Senhor pelos anos que nos concede?

Há ainda outros motivos que por agora considero não ser o momento para manifestar.

Em suma, adoremos a Deus em tudo, nas consolações e nas aflições, e fiquemos certos de que é um bom Pai e que não permite aflições além das nossas forças; ele é onipotente e por isso pode aliviar-nos à hora que quiser.

Entretanto, sempre recomendei a senhora e a sua família a Deus na santa missa e continuarei a fazê-lo, tanto em particular como nas orações comuns que se fazem diante do altar de Maria.

Deus abençoe a senhora e suas fadigas; reze por mim que com gratidão me professo de vossa senhoria ilustríssima

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

280. A um católico comprometido

Edição crítica em E(m) III, pp. 227-228.

Turim, 13 de julho de 1870

Caríssimo no Senhor,

Deus seja bendito em tudo. Não se preocupe por não poder fazer muita coisa. Diante de Deus faz muito quem no pouco faz sua santa vontade. Acolha, portanto, da mão do Senhor os incômodos a que está sujeito e faça o pouco que puder e fique tranquilo.

Nestes nossos tempos sente-se gravemente a necessidade de propagar a boa imprensa. É um campo vasto e, cada um fazendo o que pode, se conseguirá muita coisa.

Não deixarei de rezar pelo senhor e pelos seus colegas. Cumprimentos por mim no Senhor. Reze também o senhor por mim que com verdadeira afeição me professo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

281. A um amigo sacerdote

Edição crítica em E(m) V, p. 142.

Roma, 8 de maio de 1876

Caríssimo padre Perino,

Muito me alegro com a tua promoção para pároco de Piedicavallo.

Terás um mais vasto campo para conquistar almas para Deus. O fundamento do teu bom êxito paroquial é o de cuidar das crianças, assistir aos doentes e querer bem aos idosos.

Para ti: confissão frequente, cada dia um pouco de meditação, uma vez por mês o exercício da boa morte.

Para Dom Bosco: difundir as *Leituras Católicas* e vir almoçar no Oratório, sempre que vier a Turim. O mais falarei à viva voz.

Deus te abençoe, abençoe tuas fadigas, tua futura paróquia, e reza por mim, que serei sempre para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

282. A um sacerdote em dificuldades

ASC A1780133 *Originali autografi di recente recuperato, Fassio*; edição em E III, pp. 271-272.

Roma, 12 [de janeiro de] 1878

Meu caro padre...,

Deus te permite enfrentar uma grande prova, mas dela tirarás grande proveito. A oração vencerá tudo. Trabalho, temperança especialmente de noite, não repousar muito durante o dia, nunca ir além das sete horas de sono na cama, são coisas utilíssimas.

Principiis obsta; por isso, apenas percebes ser tentado, põe-te a trabalhar, se for de dia; se for de noite, a rezar; nunca suspender a oração, a não ser

quando vencido pelo sono. Pratica estas recomendações; eu te recomendarei a Deus na santa missa. Deus fará o mais. Coragem, caro padre...; tranca o coração, espera no Senhor e vai em frente sem inquietação.

Reza por mim que serei sempre para ti em Jesus Cristo
Afeioadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

283. A dom Eduardo Rosaz, bispo de Susa (beato)

Edição em E III, pp. 293-294.

Roma, 7 de fevereiro de 1878

Caríssimo e reverendíssimo senhor⁵,

A seu tempo recebi de Turim e depois soube pela sua querida missiva que o grande pontífice Pio IX voltou seus paternos pensamentos à sua pessoa e o proclamou bispo de Susa. Eu fiquei não pouco maravilhado, porque conheço quanto o senhor se julga pequeno e porque deverá tomar novas atitudes *verbo et opere*. Logo, porém, bendisse a Deus porque eu estava e estou convencido de que a Igreja adquiriu um bispo segundo o coração de Deus e que o senhor fará muito bem à diocese de Susa.

Muito me alegro e com todo afeto do coração lhe ofereço todas as casas da Congregação para qualquer serviço que possam prestar à sua respeitável pessoa ou à diocese que a divina Providência lhe confiou.

Eu não pretendo dar uma de mestre, mas creio que o senhor em pouco tempo terá nas mãos o coração de todos:

1º Se tomar especial cuidado dos doentes, dos idosos e dos meninos pobres.

2º Se for muito devagar em fazer mudanças no pessoal já colocado pelo seu antecessor.

⁵ Dom Eduardo José Rosaz (1830-1903), fundador das Irmãs Missionárias Franciscanas (1874) para a educação das meninas pobres e órfãs, foi nomeado bispo de Susa no consistório de 31 de dezembro de 1877.

3º Se fizer o que pode para conquistar a estima e o afeto de alguns que ocupavam ou ocupam cargos elevados na diocese; os quais se sentem deixados de lado, ao passo que o senhor foi preferido a eles.

4º Se, ao tomar medidas severas contra quem quer que seja do clero, for com calma e, quanto puder, ouvir o acusado. Quanto ao mais, espero que em março possamos conversar pessoalmente.

Hoje, em torno das três e meia, se extinguiu o sumo e incomparável astro da Igreja Pio IX. Os jornais darão detalhes. Roma está toda consternada e penso o mesmo do mundo inteiro. Dentro de brevíssimo tempo estará certamente sobre os altares.

Creio que vossa senhoria me permitirá escrever-lhe sempre com a confiança do passado; e pedindo a Deus que o ilumine e conserve em boa saúde, me recomendo à caridade das suas santas orações e me professo com a máxima veneração, de vossa senhoria reverendíssima e caríssima

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

284. A uma senhora escrupulosa

ASC A1780410 *Lettere originali di recente recuperate, Armelonghi*;
edição em E III, pp. 388-389.

Turim, 26 de setembro de 1878

Muito estimada senhora em Jesus Cristo,

Quanto à vossa consciência, lembrai:

1º Nunca refazer as confissões passadas.

2º Os pensamentos, os desejos e tudo o que for interior nunca seja matéria de confissão.

3º Confessai somente as obras, as palavras que o confessor considerar culpáveis e não outras coisas.

4º Obediência cega ao confessor.

Ficai tranquila de consciência e rezai por mim que serei sempre para vós em Jesus Cristo,

Humilde servidor

Sac. João Bosco.

285. A um pároco desanimado

ASC A1940605 *Copie di originali*; edição em E III, p. 399.

Turim, 25 de outubro de 1878

Caríssimo no Senhor,

Recebi sua bondosa carta e os 18 francos que me enviou. Agradeço-lhe: Deus o recompense. É maná que cai do céu para aliviar nossos apertos.

O senhor fique tranqüilo. Não fale em sair da paróquia.

Há trabalho? Morrerei no campo de trabalho, *sicut bonus miles Christi*.

Sirvo para pouca coisa? *Omnia possum in eo qui me confortat*. [Fl 4,13]

Há espinhos? Com os espinhos transformados em flores, os anjos tecerão para o senhor uma coroa no céu.

Os tempos são difíceis? Sempre o foram, mas Deus nunca faltou com sua ajuda. *Christus heri et hodie*.

Pede um conselho? Ei-lo: cuide particularmente dos meninos, dos velhos e se tornará dono do coração de todos. Quanto ao mais, venha visitar-me e falaremos mais longamente.

Sac. João Bosco